

5.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ese universo saturado de libros, donde todo está escrito, sólo se puede releer, leer de otro modo. Por eso, una de las claves de ese lector inventado por Borges es la libertad en el uso de los textos, la disposición a leer según su interés y su necesidad. Cierta arbitrariedad, cierta inclinación deliberada a leer mal, a leer fuera de lugar, a relacionar series imposibles. La marca de esta autonomía absoluta del lector em Borges es el efecto de ficción que produce la lectura.

(PIGLIA, 2013: 28)

Acreditamos que a melhor forma de concluir esse trabalho seja recapitulando a forma como a tradição foi mobilizada por Antonio Candido e Haroldo de Campos. Tentou-se demonstrar através de uma análise colada aos ensaios críticos, como em ambos o passado possui a função de validar determinadas opções teóricas e lastrear a produção poética do presente, daí a insistência na reconstituição interessada e seletiva de seus fragmentos. A militância de ambos na orientação de uma evolução literária tornava o passado uma instância legitimadora ora da continuidade, ora da ruptura – assim verifica-se que o presente espraia-se em direção ao passado, assim como em direção ao futuro. Tal constatação, longe de configurar um truísmo sem importância, aponta para a existência de projetos historiográfico-literários que condicionam frequentemente as inserções críticas de ambos os autores. Nesse sentido, o rastreamento de certas recorrências argumentativas serviu para conceder visão de conjunto à análise de diferentes autores, situados em diferentes contextos histórico-poéticos.

As divergências em torno do passado sugeriam que ambos buscavam divulgar e consolidar uma tradição que servisse como espelho. Ao tecer fios entre passado e presente almejaram construir uma autoimagem, posicionavam-se conscientemente com o intuito de assumirem lugares determinados no transcorrer do tempo histórico, na evolução crítico-poética nacional. Em outras palavras, o posicionamento assumido diante dos esforços, projetos e sedições pretéritas

implicava rasurar ou reforçar o traçado historiográfico e crítico estabilizado em meados do século XX. O apego ao discurso histórico enquanto legitimador de práticas crítico-poéticas parece servir a uma definição não somente de precursores, mas também de continuadores que anunciassem novas veredas com base em um legado selecionado: seja Antonio Candido em seu projeto de orientação através da crítica que percebe e sublinha os avanços nacionais, continuando aquele papel desempenhado pela crítica machadiana em *Formação*, revelando uma concepção pedagógica da crítica, seja Haroldo de Campos, representando a vanguarda concretista e seu roteiro evolutivo que tenta implodir a linearidade assentada pela crítica, realçando inovações estéticas que fujam do gráfico sísmico da mediania.

As inúmeras divergências crítico-historiográficas, portanto, somente podem camuflar a convergência. A transparência teórica e a defesa sistemática de certos argumentos demonstram o empenho, tanto de Antonio Candido como de Haroldo de Campos, o interesse no avanço de projetos distintos para a crítica literária nacional. Antonio Candido, em consonância com os fundadores da revista *Clima*, pretendia um diálogo aberto e profícuo com a sociologia que fosse capaz de alargar o significado das obras sem negar-lhe sua autonomia, militava na formação de uma crítica acadêmica e avessa aos modismos e impressionismos que abundavam nos suplementos literários de jornais, labutando pela fundação e profissionalização do ofício de crítico. Paralelamente e em sentido oposto, a crítica formalista de vanguarda praticada por Haroldo de Campos, reunida primeiramente na revista *Noigandres*, buscava desvendar estruturas que respondessem a curiosidade sobre o processo criativo, repelindo qualquer laivo de inspiração romântica e acentuando a dimensão racionalista do processo artístico, detendo-se menos na questão mimética e nos significados incutidos ao objeto artístico e mais na análise de procedimentos, na luta criativa e na resistência imposta pelas formas, buscando organizar o quadro referencial para saltos qualitativos que rompessem com os cânones. Tal convergência entre os críticos que se mantiveram, no mais das vezes, em lados opostos no âmbito da teoria e da crítica literária, foi gradativamente se desenhando no argumento. Dessa maneira, ao contrário do que talvez desejassem, aproximavam-se por meio da militância, da

mobilização interessada do passado, valendo-se irremediavelmente de velhas ou novas tradições.

A ênfase no empenho de Antonio Candido em reafirmar uma tradição literária nacional baseada na continuidade, no uso consciente de um pecúlio crítico-literário, referendando os empreendimentos estéticos das novas gerações, coloca-o em posição de transmissor de tal legado. Nesse sentido, o passado obtém um aspecto didático-pedagógico e formativo. Não que isso signifique passadismo ou prisão para novos experimentos estéticos, pois o passado encontra-se repleto de erros e acertos, imitadores eficientes e criadores que possam acrescentar novos ingredientes a velhas receitas, cabendo ao crítico selecionar e hierarquizar o passado, conformando-o enquanto tradição. O diálogo entre passado e presente, dessa forma, permite passadas pequenas e comedidas, não há no geral saltos de gênios, mas um firme caminhar da ficção e da crítica nacional. Seu trabalho, em certa medida, vicejava uma continuação daquela crítica de fins do século XIX, renovando seus instrumentos e atualizando os problemas e expectativas de futuro.

Em contrapartida, a tábula rasa esboçada pelos concretistas em sua fase heroica, no princípio da década de 50, não se alonga por muito tempo. Logo cedendo espaço para um repertório inventivo que propugnava um mapeamento das principais contribuições poéticas, pinçadas tanto no passado quanto no presente, que servissem como bússola para as novas vanguardas e para elaboração de novos horizontes estéticos. Mesmo a vanguarda em suas pretensões sediciosas não se furtou ao olhar retrospectivo. Haroldo de Campos comprometia-se não somente com a renovação dos procedimentos poéticos, mas também no engendramento de uma nova tradição, uma tradição descontínua e clandestina, emudecida pelas convenções de gosto. Ao unir uma poética marginal, os supostos desvios estéticos do passado, objetivava realçar precursores que sancionassem preteritamente seus procedimentos. Haroldo de Campos, portanto, propôs sua própria retaguarda, esforçando-se em identificar atitudes de ruptura no passado poético nacional. O elogio à ruptura que inviabiliza um passado enquanto continuidade, tal como propugnado por Candido, fez com que Haroldo de Campos optasse pela imagem da constelação, onde as analogias derivadas da perspectiva sincrônica permitiam uma tradição a contrapelo, um panteão subversivo.

A questão do barroco emerge justamente da dissonância produzida pela validação de tradições opostas. Sempre tangenciando a representação literária dos seiscentos, Antonio Candido e Haroldo de Campos entendiam a expressão barroca por meio de sinais trocados. Segundo os interesses mobilizados, o barroco poderia ora ser considerado como símbolo de excesso retórico e mau gosto, ora como exemplo de hibridismo e de intertextualidade, subsumido o passado à régua do presente, demonstrando claramente a extensão das querelas teóricas do presente em direção ao passado. O objetivo foi deter-se justamente na descrição de tal movimento, cartografando os usos e desusos do barroco.

Em outra perspectiva, se o caráter empenhado da crítica de Antonio Candido e Haroldo de Campos os aproxima, a maneira de se lidar com os efeitos da leitura tornam a distanciá-los. O tratamento dado à recepção diverge significativamente, pois Candido entende a recepção como influência, enquanto possibilidade de uma literatura autorreferente, privilegiando, dessa forma, leitores ideais que possam fazer com que as obras circulem; ao passo que Haroldo de Campos compreende a recepção como ato eminentemente criativo, atrelado às questões do presente do leitor, minimizando a diacronia e a necessidade da linearidade que mantenha a obra acessível. A polêmica emerge dos modos de leitura que rasuram o texto, da leitura interessada que imputa ao texto significados que escapam ao próprio autor. Todo o percurso traçado em torno das posições críticas de Candido e Campos revelam diferentes efeitos provocados pela leitura, sugerindo distintas antologias nacionais. A discrepância entre ambos é verificável na forma como o passado se configura nas propostas historiográficas e como a recepção acessa a tradição. Assim, a polêmica relativa ao sequestro do barroco serviu como eixo organizador das cizânias, revelando propostas e opções teóricas, servindo principalmente como *questão* articuladora. Mais do que as convenções retórico-literárias, o que estava em jogo era, sobretudo, obter no passado um reflexo do presente e propostas de futuro. O que se pretendeu realçar, portanto, foram as diferentes sensibilidades do presente e como engendraram divergentes quadros do passado.